

AURORA MIRANDA LEÃO

Tem um Sertão
no meio do Poema

APRESENTAÇÃO
LG MIRANDA LEÃO



HOME EDITORA

Tem um sertão no meio do poema

Poemas de Aurora Miranda Leão

Dezembro 2023

Aurora Almeida de Miranda Leão

TEM UM SERTÃO NO MEIO DO POEMA

1ª Edição

Belém-PA
Home Editora
2023



Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).
Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Me. Éfrem Colombo Vasconcelos Ribeiro-IFPA

Prof. Me. Jorge Carlos Silva-ULBRA

“Acreditamos que um mundo melhor se faz com a difusão do conhecimento científico”.

Equipe Home Editora

© 2023 Edição brasileira
by Home Editora

© 2023 Texto
by Autor

Todos os direitos reservados

Home Editora
CNPJ: 39.242.488/0002-80
www.homeeditora.com
contato@homeeditora.com
91984735110
R. João de Deus, 63, 66075000, Belém-PA

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Ramalho

Revisão, diagramação e capa

Autor

Bibliotecária

Janaína Ramos

Produtor editorial

Laiane Borges

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)



T278

Tem um Sertão no meio do Poema / Aurora Almeida de Miranda
Leão. – Belém: Home, 2023.

Livro em PDF
60p.

ISBN 978-65-6089-003-9
DOI 10.46898/home.15ba94dc-5092-4184-82a1-
053c4f90f853

1. Literatura-poemas. I. Leão, Aurora Almeida de Miranda. II. Título.

CDD 869

Índice para catálogo sistemático

I. Literatura

À guisa de prefácio

L.G. de Miranda Leão

Reproduzo a seguir texto da lavra de meu pai saudando amigo poeta em dia de lançamento literário, conforme explicitado em palavras tão belas e sábias, as quais o coração me cortam a encher-me de imensurável saudade de meu companheiro de todas as horas, inesquecível/inestimável, imenso e amado LG.

Minhas Senhoras,

Meus Senhores,

Boa noite:

Como é sempre melhor ler e ver em relação a ouvir, tentarei ser o mais breve possível, tal como deve agir quem fala nos dias de hoje, quando já corremos a 16 horas por dia, tempo cósmico, como querem cientistas alemães liderados por Walther Schumann. Longos discursos e apresentações já não cabem mais na voragem das horas.

Estou aqui ao mesmo tempo surpreso e alvo de distinção. Surpreso e um tanto deslocado como apresentador de um livro de poesia. Distinguido pelos incitamentos da amizade e pela insistência do seu autor em ter-me nessa função momentânea, mesmo depois de haver-lhe escrito conciso perfil biográfico para a contracapa deste “Improviso”, em boa hora lançado pela Oboé. Debalde tentei fugir desta ingrata tarefa.

Paulo Frota Soares - ou Paulo Vigorelli - foi conhecimento iniciado há quase 30 anos por causa desse pseudônimo, quando tive ensejo de atuar como um dos examinadores do concurso promovido pelo Banco do Nordeste. Quem é esse Paulo Vigorelli?, perguntava eu diante dos demais membros da banca em razão de um texto primoroso de sua lavra, o qual muito contribuiu para seu 1º lugar naquele concurso.

Disse-lhes também um tanto deslocado porque outros, mais afeitos ao labor poético, por certo fariam melhor apresentação em relação a quem agora lhes fala. Um poeta deve ser apresentado por outro poeta, como diria Olavo Bilac num daqueles saraus do Rio de Janeiro de outros tempos, ou por um crítico literário. Nada obstante, para sanar algumas lacunas, recomendo-lhes a leitura do prólogo do Paulo Soares, bem ilustrativo dessa “multiforme floração de ideias lavradas de modo espontâneo” através da qual ele introduz o leitor no seu universo poético. A imagem é do próprio autor e abre uma janela para quem o lê. Por isso mesmo, não devo analisar poemas ou sonetos nascidos desse exaustivo e fértil improviso. Não desejo cair no subjetivo e prefiro deixar aos leitores amantes da poesia a escolha dos versos capazes de emocioná-los ou de levá-los a reflexões de ordem vária.

Uma dica, porém: os versos de Paulo Soares não seguem ordem ortodoxa, predeterminada, de tal modo esteja um poema ligado, de certa forma, ao antecedente e ao conseqüente. Os títulos estão em ordem alfabética, mas aqui e ali o leitor encontrará naturalmente pontos de contato com alguns subtemas caros ao poeta e perceberá como os estranhos mecanismos da memória – tema preferencial de Alain Resnais, realizador desse excepcional “Ano passado em Marienbad” (*L'année dernière à Marienbad*), – podem atuar como o passado do presente e fazê-lo reviver nos versos. Para o cineasta francês, a tragédia humana seria a do esquecimento. Não iríamos longe demais se lembrássemos as palavras de George Santayana (“As nações que esquecem o passado estão condenadas a revivê-lo”) ou as de Dale Bailey (“O poeta é o amante que se lembra”)...

Depreende-se assim, do subtexto de Paulo Soares, o lamento pela perda dos paraísos da infância, a nostalgia de outros tempos e, na vida adulta, um certo vácuo existencial bergmaniano, a saudade definida por ele como “o cheio do vazio, a presença da ausência, o travo das lembranças”. O poeta fala ainda do “fluxo anárquico da memória de suas lembranças como relicários, do nevoeiro de lembranças, das nuvens da saudade, da euforia do menino que

sempre foi, hoje perdido na névoa do tempo, nas angústias existenciais dos boêmios, o garoto esperando por uma bola no Natal” ...

Há versos livres, versos rimados, rupturas de formas tradicionais, sonetos quase *spenserianos* como “Passatempo” e “Pesadelo”. Para o autor, “a saudade é verdade doída/espelho quebradiço da vida”, metáforas ricas do poeta, daí dever-se ler com atenção “Lembrança”, “Respingos da Noite”, “Quimeras”, “Ressaibo”, “A Saudade”. Paulo Soares também não esqueceu a mulher, o eterno motivo, o eixo em torno do qual gira e girará sempre o homem. Nos versos intitulados “Mulher”, o poeta saúda-a como “dádiva da natureza, pelo seu curvilíneo feitio...” Por isso, não deixa de sugerir a ação dos feromônios (termo usado hoje com significado extensivo, como veículo de atração entre os sexos) no terceiro quarteto de “Sentidos”, pois os cheiros femininos “aguçam as glândulas dos desejos”... Em “Triste Senda”, conclui o verso de forma quase proustiana - o lamento pelo desperdício: “A noite veio rápida e densa/E meus desejos galopavam pela triste senda,/Sob a última réstia da lua/Em busca do tempo perdido” ...

Nos quatro quartetos de “Vagares”, o poeta insinua uma dúvida metafísica: “Por que tanta maldade no mundo?/ Por que tantos morrem à míngua?/ Se muitos dizem que há um Deus/ Por que na Terra tanta discórdia?”. Diante do sofrimento humano e da existência do mal, parece perguntar: não estará o mundo à deriva? Nossas vidas já estão traçadas ou, como queria Epicuro, somos meros acidentes num universo mecânico e indiferente? O arremate vem com o poema “Ó Estátuas”: “Ó vida de signos/Do microcosmo do homem/De tempo e espaço circunstanciais,/Cercado de enigmas/Com surdez/Tento ouvir a linguagem transcendental/E com miopia/Tento enxergar a beleza do cosmo”.

Senhoras e Senhores: a esta altura caberia indagar qual o significado da poesia, como defini-la, qual o seu valor intrínseco. Podemos, sem maiores dificuldades, definir um celular, um relógio, uma instituição, um projetor cinematográfico, um “chip” de computador ou uma fotocélula, mas quando tentamos definir a poesia, ou mesmo a beleza de um poema, estaremos de

algum modo querendo definir o indefinível... Em verdade, ainda não se encontrou um consenso sobre isso entre autores de renome. Ferreira Gullar definiu-a como “uma luz do chão”; Assis Brasil como “manifestação cultural, criativa, expressiva do homem”; para o Mestre Aurélio Buarque, grande lexicógrafo, contista, redator de escol, professor emérito e também poeta bissexto, “A poesia é uma tentativa de exprimir o inefável, aquilo que não pode ser expresso, de querer entender o sentido oculto da existência, o que somos, de onde viemos, para onde vamos, por isso amei as palavras, porventura chave de enigmas...” Para Benedetto Croce, “A poesia é algo acima da distinção entre real e irreal, e por isso não pode ser qualificada por nenhuma destas duas categorias opostas”. Ernesto Fraeri vê a poesia como “atividade imediata da natureza criativa do homem, que plasma incessantemente o próprio mundo”.

Cyro dos Anjos, saudoso titular da Academia Brasileira de Letras, em frase exemplar de transitividade direta, usou em palestra dois verbos para definir poesia como “a inútil tentativa de viajar o passado, de penetrar o mundo que já morreu”. São as figuras etimológicas das quais nos fala Leo Spitzer em suas análises, e também empregadas, diga-se de passagem, pelo extraordinário Fernando Pessoa em versos antológicos: “Sento-me ao pé dos séculos perdidos,/Cismo o seu perfil de inércia e vôo.../Eu já não sou quem era: /O que eu sonhei, morri-o”.

Outros analistas contemplam a poesia como peça de poder concentrado, como um milagre de condensação. Outros, ainda, tratam de sua influência contraditória: inspira e instrui no mesmo fôlego, desperta a imaginação enquanto excita o intelecto, aguça a mente com sua curiosa mistura de fato e fantasia. Possivelmente, como afirma Louis Untermeyer, “a principal magia da poesia é que, com a distorção de uma palavra, ou o câmbio de uma imagem, ou com o caráter abrupto de uma comparação, ela pode simultaneamente iluminar e enriquecer”.

Por outro lado, como querem alguns exegetas, se a poesia é a mais poderosa das comunicações humanas (disso, aliás, discordam os filmólogos e teóricos do cinema, para quem a força das imagens em movimento e dos

significantes é avassaladora), ela deveria ser a expressão mais simples e mais lógica. Não deveria exigir nenhuma reflexão, nenhum exercício da mente especulativa. Mas sendo ela o produto da intuição, bem assim o da experiência, como acentua o mesmo Untermeyer, “a poesia transcende declarações simples: ela se sobrepõe ao fato e salta na frente da lógica; simples aritmética ao contrário, um poema não é a soma de suas partes, um poema é maior do que suas partes e até algo além de suas partes: é acionado por uma ideia, engrandecido pela rima, pontuado pela métrica e enriquecido de significação pela metáfora. Essa fusão, esse enriquecimento e intensificação, criou algo novo: o próprio poema, o qual está além da análise – até mesmo, às vezes, além da lógica”... Poesia é tudo isso e mais alguma coisa, como poderíamos constatar, caso fôssemos repassar dezenas de outras tentativas de defini-la.

E o poeta? Deixo de incluir aqui a definição de Pessoa sobre o poeta como “um fingidor...”, porquanto citada à saciedade, ou “ad nauseam”, por gregos e troianos. Mas, para concluir, me permito registrar outra reflexão de Untermeyer, esse antologista teuto-americano, feita em 1958 e ainda hoje não igualada: “O poeta não é apenas um visionário, mas um registrador, não apenas um espírito criativo, mas alguém voltado para o prazer de criar – um ser satisfeito com suas próprias paixões e volições... deliciando-se em contemplar volições e paixões conforme se manifestam nos acontecimentos do mundo. Assim, o poeta não é somente um comunicador, um criador e um estimulador, mas um preservador de coisas silenciosamente desaparecidas e de coisas violentamente destruídas, alguém capaz de defender tudo quanto a humanidade ama, de lutar por ela e de poder mantê-la viva”.

Fico por aqui, não sem antes dar ao seletor auditório o meu muito obrigado pela paciência com a qual me ouviram.

BARCA DOS SENTIDOS

*O AMOR é feito de gestos
Repetidos
De ilusões
Que prosperam
Na carne
De solidões
Que rastejam
Nos espelhos*

*O Amor é feito de cansaços
Que se abraçam
De ternuras
Que se repelem
De pulsações
Que germinam
Na sombra*

*O amor é feito de cristais
Que se partem
De silêncios
Que resplandecem
De palavras
Que se dilaceram
Na boca*

*O amor é feito de vícios obscuros
De memórias
Que se entrelaçam
No coração
De cíos que sangram
Na pele...*

L.G de Miranda Leão

Saiba quem foi LG



Dos mais profícuos críticos de Cinema do país, **L.G. de Miranda Leão** é Bacharel em Literatura de Língua Inglesa e Portuguesa, aposentado pelo Banco do Nordeste e pela Universidade Estadual do Ceará. Nascido em Fortaleza, filho de pais amazonenses, LG é jornalista, crítico de cinema, cinéfilo, enxadrista, professor, Sócio-Honorário da Associação Cearense de Imprensa e membro fundador da Academia Cearense da Língua Portuguesa. Na área do Magistério, fez estudos em Nova Iorque e estágio didático nas Escolas Berlitz e Cambridge em Manhattan, tendo lecionado por uma década no Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU) e na Escola Americana, sediada em Fortaleza nos anos 1960 e 1970.

Cultor de Cinema desde ainda garoto, presenciou as filmagens de Orson Welles no Mucuripe (fato registrado no premiado documentário *Cidadão Jacaré*, de Firmino Holanda e Petrus Cariry), levado por seu pai (o cinéfilo e médico-pediatra Dr. João Valente de Miranda Leão, um dos fundadores da Maternidade-Escola de Fortaleza): viu o grande cineasta americano vadear na praia do Meireles e fazer algumas *prises de vues*. Membro notável do extinto Clube de Cinema de Fortaleza (CCF), décadas 1960 e 1970, através do qual ministrou diversos cursos e pronunciou palestras sobre *A Arte do Filme* com apoio nas obras de Welles, Bergman, Kubrick, Truffaut, Losey e Melville, LG faleceu em 02 de abril de 2021, vítima da pandemia de covid-19.

A Sétima Arte era assunto recorrente em seus artigos, publicados em todos os jornais editados no Ceará. Há artigos, críticas e comentários assinados por ele em diversas publicações, além de ter sido por mais de duas décadas integrante do Gabinete da presidência do Banco do Nordeste do Brasil (GAPRE), sendo redator de discursos e tradutor oficial da instituição. Sua contribuição espalha-se por livros nas mais diversas áreas, desde Poesia,

passando por Cinema, Literatura, Língua Portuguesa, Inglês e diversos trabalhos acerca de Xadrez, seu exercício intelectual preferido, daí ter criado e organizado, por mais de duas décadas, o torneio internacional Memorial CAPABLANCA de Xadrez, de realização anual no BNB Clube Fortaleza. Por seu dignificante trabalho em prol da Sétima Arte, recebeu homenagem do fotógrafo/documentarista Gui Castor, diretor do curta-metragem *LG - Cidadão de Cinema* (2007), cujo roteiro é uma parceria de sua filha Aurora Miranda Leão com o cineasta capixaba.

Bem diz a jornalista Neusa Barbosa no prefácio de seu livro “Críticas de LG de Miranda Leão” (lançado em 2006 pela Coleção/Aplauso-Imprensa Oficial de São Paulo), *“É de admirar que um profissional da crítica mantenha intocado seu fôlego intelectual tantas décadas num mister assim polêmico, não raro ingrato e carregado de incompreensões. Afinal, alguns desavisados costumam confundir os críticos com infalíveis juízes do bom gosto e alguns entre estes, os mais vaidosos, aceitam assim ser considerados. Não é o caso de Miranda Leão que, embora mestre, ensina nas entrelinhas de seus iluminados comentários com a sutileza que cabe aos dotados da melhor sabedoria, amparado numa pedagogia que vem da enorme intimidade com o assunto que comenta. {...} Mestre em literatura de língua inglesa e portuguesa, Miranda Leão domina a língua com uma fina expressão, construindo frases certeiras que, embora se alonguem num estilo precioso, cultivado em épocas mais eruditas do que esta apressada nossa, sempre sabem onde querem chegar. Suas palavras acertam sempre no alvo, construindo análises e conceitos capazes de enriquecer o universo de seus leitores”*.

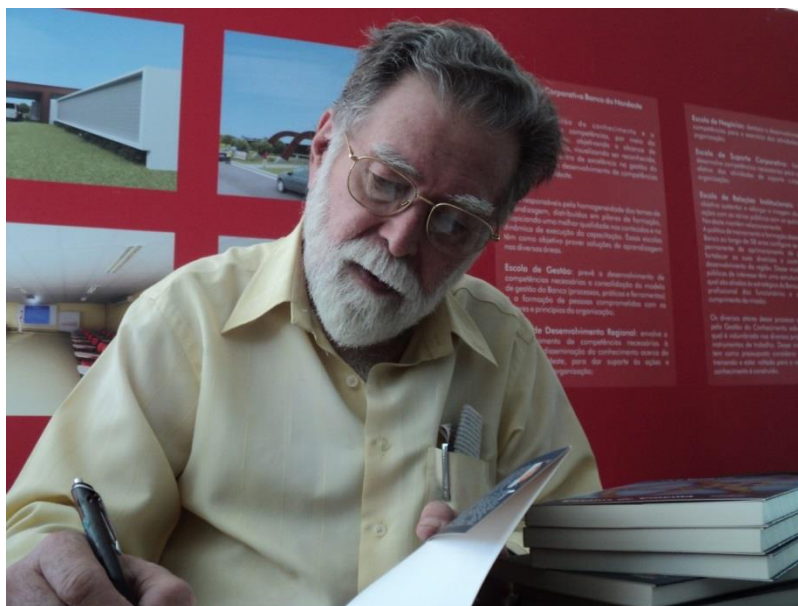
Seu segundo livro, “Ensaaios de Cinema”, lançamento do programa Cultura da Gente (parceria Banco do Nordeste do Brasil/BNDES, 2010), reúne alguns de suas principais análises de dedicada inspiração à arte de imortalizar um filme através das reflexões por ele inspiradas.

Nomes como os de Orson Welles, Stanley Kubrick, Ingmar Bergman, François Truffaut, Federico Fellini e Michelangelo Antonioni, entre tantos outros, são foco da pena do Mestre a nos guiar delicada e inteligentemente pelas vastas searas onde se inscrevem as obras destes grandes samurais da alquimia de perceber a vida e adentrar o mundo, através de pontos-de-vista especiais transformados em sabedoria pela magia eterna da Sétima Arte.

Conhecido nas lides cinematográficas por seu contínuo e laborioso exercício da crítica, *ENSAIOS DE CINEMA* tem prefácio assinado pelo jornalista Rubens Ewald Filho: *“Tivemos o prazer de editar pela Coleção Aplauso da Imprensa Oficial uma seleção de seus textos. Mas que são apenas uma pequena representação do que ele escreveu nesta última década. Agora temos mais de seus escritos, maior e melhor. Neste livro, todos os textos referem-se a filmes, cineastas ou cinematografias especiais (como cinema alemão, sueco, americano) e há outra coisa que eu admiro, seu rigor. L.G. não escreve sem ter visto pelo menos três vezes o filme ou a obra a qual se reporta. Antes de tudo, é um livro para mergulhar de cabeça e alma, coração aberto e olhos cheios de imagem”*.



Amor pela Sétima Arte fez brotar e perdurar por toda vida amizade entre LG e o cineasta Walter Hugo Khoury.



Mestre LG em sessão de autógrafos de “Ensaio de Cinema”, em Fortaleza, 2010.

Pequeno perfil de uma poeta comum

Jornalista, atriz, locutora e documentarista, Aurora Miranda Leão é mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde faz doutorado com pesquisa sobre teledramaturgia, sertão, audiovisual, narrativas e identidades de gênero. Cearense, edita o #blogauroradecinema e é autora dos e-books *Telenovela: a ficção popular do Brasil*; *O cinema que mora na minha saudade*; *Na Televisão Na Palavra No Átimo No Chão*; *Teledramaturgia: Meu pedacinho de chão e uma metodologia de análise*; e *TEATRO – Valei-me, São Genésio!*, todos com acesso gratuito através dos links www.auroradecinema.wordpress.com e <https://linktr.ee/auroradecinema>



Aurora Miranda Leão na Universidade Federal da Paraíba, em Sousa (2014).

INDICE

Tem um sertão no meio do poema

No sertão a vagar	página 11
Não há sertão sem Maria	página 16
Aletria.....	página 19
Nada bastante demais.....	página 20
Egrégorianas.....	página 21
Drummoniana.....	página 24
Apenas uma moça latino-americana.....	página 29
Labirinto.....	página 30
Perdida.....	página 31
Absonância.....	página 32
Agora Aqui Acolá.....	página 34
Noite e Dia.....	página 37
Efervescência.....	página 41
<i>Belchianamente</i> , eu sinto em português.....	página 42
Reluzência.....	página 45
Canção pra Xakriabá.....	página 48
Vou-me embora pra Quirinquinquá.....	página 51

NO SERTÃO A VAGAR

No meio do poema
Tinha um sertão
Tinha um sertão
No meio do poema

No agreste do meu ser
Vivia um sentir acabrunhado
Um aperto no peito calado
Saudade tanta daquele rincão
Onde eu era muitas
Uma só nunca fui
Porém faltava um molejo
Nem que de amor machucado fosse
Enxovalhado nas curvas do coração

*Se acaso um dia no sertão vagares
Lembra foi Euclides quem primeiro deles falou
Revelando encanto e carinho
Que o passar do tempo só aumentou*

E porque tinha um sertão
No meio do poema
Algum pedaço de mim
Ficou aquele verso procurando
No pretérito que nunca nos esqueceu
Nos desacertos que vez ou outra
Apareciam e alumiam

*Se acaso um dia no sertão vagares
Verás como tudo nele é majestoso
A primavera cinge, do seio azul da mata,
Um colar de flores e um sol oblíquo
Cálido, ascende na frente granítica das cordilheiras
Uma auréola de lampejos*

Nosso frenesi não mentia
Fértil, constante, leve como a poesia
Que esconde segredos
Veze outras conjuga confissões
E teve até aquele lampejo
Delírio nada frugal
Arrepio sincero, libidinal

*Se acaso um dia no sertão vagares
Irás entender porque falo
Em afetos e cantigas
Nunca em maldizer*

Verso espontâneo
Pausado a meio caminho
Misturado entrelaçou-se
Pelo pó da estrada
Que o caminhante perfaz
Sem vacilo, determinado e audaz
Tudo para ver, buscar, preconizar
O sertão que sempre há
No meio do poema

Ou nas dobras das esquinas
Que convocam cantigas
Rememoram rotinas
Feito fava contada
Em qualquer rua, calma ou agitada
Que sempre termina
No prumo d'alguma paixão
Andarilha sem abnegação

*Se acaso um dia no sertão vagares
Por certo hás de perceber
Que tudo que trago são doces afagos
Nunca um mal querer*

Por isso repetir é preciso
Tem um poema no meio do sertão
No meio do sertão tem um poema
No poema-sertão de toda estrada
Tem um ninho atravessado
De desejo nos confins
No avinhado de todo sertão
Na poesia solar ou soturna
Cabe sempre um poema
No descompasso do colchão

Um devaneio que se insinua
Por vezes perturba
Noutras a ficção apetece
Nalgumas tantas machuca
Porque há um sonhador relutante
Um acanhado caminhante
Que versos não faz
Mas talvez ame bastante

*Se acaso um dia no sertão vagares
Leve, tranquilo, sentir tudo a florir
Distante da pressa da multidão
Verás que o progresso nem sempre é solução*

Um poema indeciso
Vive pelas cercanias medonhas
Da vastidão de terra entristecida
Pela chuva que descai acabrunhada
Embora rio também exista
Tantas vezes esquecido
Um afã clamando por consumir

*Se acaso um dia no sertão vagares
Por certo hás de comigo concordar
Vendo a cidade dominar a floresta
A sarjeta dominar a flor
O progresso envelhece a natureza*

No desvario da libido
Aninhada nalguma vereda
Vou passear poesia
E soletrar fantasia
Nas cálidas curvas do almejar
Que não tem fim

*Se acaso um dia no sertão vagares
Comigo haverás de concordar
A natureza é sábia
Resta aos afins celebrar*

Como se nalguma paragem
Do soturno rincão
Eu encontrar fosse
Um sonho de amor
Sem travão, gosto agridoce de terra
Comichão e frescor de aluvião
Ainda fosse só o rascunho
De inventiva alquimia
Vivida em plena caatinga
Já branquinha anunciando bonança
Que a gente sempre encontra
Quando varre de ponta a ponta
Os arredores do sertão
Onde o mistério faz laço

*Se acaso um dia nos sertões vagares
Não seja nunca um tempo de olvidar
Que deles foi Euclides o primeiro a falar*

A saudade teimosa
Desarruma a emoção
E tudo eclode num turbilhão
Porque foi no sertão da prosa
Que encontrei uma canção
E sonhei criar trovas
Para confirmar a paixão
Porém de minha solitude
Fiz efúgio para espantar
Os vazios deixados por alguém
Que cedo partiu, pouco ficou
Sequer disse porque voltou
Melhor ser pretérito
Que ternura falsa é desamor

De nada importa também
Prezar farrapos de enrolação
Cair em teias de embuste
Pois gostar é nada sem devoção
Nos alpendres de redes fartas
Nas alquimias que o sertão esconde
O romance não cansa de tracejar
Aventura de amar ninguém enjeita
Ainda o desassossegar sobrevenha
Tampouco o coração finda de desejar

*Se acaso um dia no sertão vagares
E com gente sem nobreza encontrar
Vestígios malsãs, não se constranja de apagar
Pois sertão é lugar do esquecimento
E desprezo pelo estrangeirismo
Onde a brasilidade não tem degradação
Lá o Brasil é profundo, autêntico!¹*

¹ Este poema assesta diálogo imaginário com o jornalista, engenheiro, poeta e notável escritor fluminense Euclides da Cunha (1866-1909), cujos principais versos (em itálico) compõem a poesia “A cruz da estrada”, de 1884, e o texto “Em viagem”, de 1889.



NÃO HÁ SERTÃO SEM MARIA

Sua graça era Maria, livre, saltitante
De bem lembrar poesia
O clarão do sol forte
Em seu olhar recendia
E do rio a cascata
Seu passo acompanhava todo dia

Lavava roupa dia e noite
Quente ou fria, tempo ruim não havia

Só vontade de ver brotar alegria
Maria quase menina, candura e beleza a florescer
Negros cachos, cabelo belo feito entardecer
Assim conquistou seu Zé
Aquele que um dia se foi
Sem ter nem porquê

Os olhos de Maria a tristeza afundou
E nem mesmo beira do rio
Cascata e vida leve a entreter poesia
A lividez ocultavam de Maria
Sol, vento, respingo nem chuva
Desbotar tamanha tristeza nada fazia
Desventura feito torrente
Carcereira do sorriso, algoz da estesia

Naquele subitâneo dia
De tanto sangue injusto a correr
Tudo aconteceu tão ligeiro
Porém Maria custou perceber
A dor chegando, tomando assento
Dilapidando a calma
Cafifa foi ficando
Não havia sonhar ou cantar
Quanto mais a dor saber estancar
Tristura atingiu fundo, desconsolo açoitando
Maria caiu num Itambé
De lá não soube mais sair

Coração encharcou, vida perdeu cor
Desfez-se a graça, Maria dissipou
No enfermiço desalento, pisando o chão
Descalça, margem do rio ou pé no grotão
Qualquer paragem, melancolia
Noite fosse, aurora, tarde ou dia
Restou fria a sina, solidão

Saudade germinada no sertão
E o sentimento pesando
Derramando desolação
Incapaz de pingar esperança ou estancar aflição...

Ah, Maria, talvez agora entendam²
Aqueles estranhos sinais
Vento soturno do fim da tarde
Barrenta água do rio
O trem na demora de passar
A dor da mãe que nunca mais viu o filho voltar
Para trás tanto ficou por dizer
A pureza das cantigas de roda
O colorido do olhar em festa
Ventania nos cabelos, feliz passear
Galopar até encontrar o mar
Sobrou muito de injustiça
E desconsolo pra Maria chorar

Ah, Maria, Maria, saudade daqueles dias
Não há esquecer
Eu vi você sorriu
Lembrando vivências
Das cantigas de luar
Cheiro alfazema nos jardins
Sem pudor ou medo de versejar
Quisera pudesse agora
O passado rebobinar
Trazer lua nova
Em sortilégio para transformar
Tamanha dor em fantasia
Todo clamor em poesia.

² Versos deste poema são inspirados pela composição de Herbert Vianna, "Ah, Maria", do disco "Os Grãos", sexto álbum da prolífica banda Paralamas do Sucesso, lançado em 1991.



Ipê amarelo nas cercanias da mineira Araxá. (Foto: @auroradecinema)

ALETRIA

Enquanto espero passa o tempo
E de distrair meu caminhar
As horas brincam
Atravancando a melancolia
Enquanto tento deslembrar
Coisa tanta por fazer
Tanto desejo sem guarida.

Ando a esmo, companhia é solidão.
No traçado silente, casinhas coloridas
Terra molhada e frutos nos galhos
Apetecendo qual arroz nos alhos
Convidando perfumes e sabores
A tomar assento sem rancores.

Sinos badalam, apitos de trem
Evocam férias, gostos e mares
Sugerem memórias e sonhos
Enquanto a sertaneja caatinga
Instala infâncias e relembra vivências
Escapadas de roteiros nunca filmados.

Pingos de chuva brotam flor no mandacaru
Acalento adivinhado do sertão
Onde a rede descansa paz
E a terra molhada cheira saudade
Revivendo tempo de namoro feliz
Gozo sem hora nem fim
Com verdejante esperança
Solo encharcado de chuva enfim.

Quero a chama douradazul da utopia
De um dia não ser mais triste não
Escorregar as horas, semear afagos
Atiçar carícias, congraçar cafuné
E reviver o que mais dá prazer.

Ser, estar, querer, conviver
Harmonia, Volúpia, Tesão, Libido
Amor é tempo sem tempo
Pressa alguma, vexame nenhum
Arrematado como tentação
Puro afã de tesão renascer.

NADA BASTANTE DE MAIS

Dispostas, sofridas, aguerridas ou silenciadas
Tantas trezentas ou mais, dia ou noite são Maria
Acordam cedinho, já se aprumam pra lida
Melhor assim que nos tempos de antes
Exploradas, massacradas, obrigadas a desposar
Quem sequer conheciam
Silenciadas, excluídas, direitos negados, obrigações desmedidas.

Incomodamos, envelhecemos, seguimos
Firmes, fortes, louras, negras, ruivas e morenas
Insistimos, persistimos, não podemos desistir
Existimos, existiremos.

Chegar ao XXI não foi fácil
Dores, pedras, torturas e maus tratos
Enganos e opressões, somam muito distrato

Estas que aqui estão testemunham
Quão longo e penoso o caminho foi
Para que outras próximas seguintes
Não necessitassem sofrer
De novo e mais uma vez.

Por isso falar é preciso
Necessário dizer, contar, espalhar
Para nunca deixar repetir
Para jamais parecer mimimi
Para sempre lembrar

Em qualquer tom, toda cidade
Qualquer sertão, cada favela
Todas somos alma e luta
Garra e destemor
Flecha e Fênix, fogo e Resistência

Muitas somos por todos os lados
Nos cantos todos, qualquer lugar
Há sempre tempo, espaço não vai faltar
Porque somos cada uma
A mesma face de uma só Maria.



Aurora Miranda Leão ao centro durante as filmagens do curta-metragem “Um dia que corre”, de Arthur Leite (CE, 2012). Foto: Lília Moema.

EGRÉGORIANAS

Ouçõ dizer
Nobres e santos
De boca aberta
Nunca estão

Por isso então
Pode ser
A raiva insana
Das mulheres
Que à luta vão

Trazendo outras
E outras mais
Conclamam
Todas juntas
Adiante caminham

Dispostas, sofridas, aguerridas ou silenciadas
Tantas trezentas ou mais, dia ou noite são Maria
Acordam cedinho, já se aprumam pra lida
Melhor assim que nos tempos de antes
Exploradas, massacradas, obrigadas a desposar
Quem sequer conheciam
Silenciadas, excluídas, direitos negados, obrigações desmedidas.

Incomodamos, envelhecemos, seguimos
Firmes, fortes, louras, negras,
Índigenas, ruivas, mestiças, morenas
Insistimos, persistimos, não podemos desistir
Vibramos, existimos, existiremos.

Chegar ao XXI não foi fácil
Dores, pedras, torturas e maus tratos
Enganos e opressões, somam muito distrato
Estas que aqui estão testemunham
Quão longo e penoso o caminho foi
Para que outras, próximas, seguintes
Não necessitassem sofrer
De novo, amiúde e mais uma vez.

Por isso falar é preciso
Necessário dizer, contar
Comunicar, espalhar
Para nunca deixar repetir
Para jamais parecer mimimi
Para sempre lembrar
Em qualquer tom, toda cidade
Qualquer sertão, cada favela
Juntas somos alma e luta
Garra, potência e destemor
Flecha e Fênix, fogo e resistência

Trazemos no rosto
Impressa na alma
A altivez de quem sabe
A força do opressor
É fraqueza de caráter
Desnutrição de índole

Debilidade de justeza
É temor de menosprezo
Vilania a ser enquadrada

Muitas somos, plurais, diversas
Por todos os ângulos, de qualquer lado
Nos cantos todos, qualquer lugar
Tempo não cansa de esperar
Coragem pro recomeço
Sempre há de vingar
Porque o feminino é chama
Que não se atrofia
Pendor que não se anuvia
Ainda que malvados insistam
Torpes, abjetos, querer silenciar
Nosso viço recresce, ladino
A cada vez que tentam mutilar.

DRUMMONIANA

Mundo mundo, vasto mundo
Se eu me chamasse
Pesticida ou namorasse
Um qualquer vagabundo
Seria sem nexo, bastarda
Aberração sem sentido
Não promessa de comunhão

Mundo mundo, infausto mundo
Se eu fosse favorita
Não negaria a contracena
Ainda fosse em figuração
Protagonismo é possível
Em qualquer nível de atração

Mundo mundo, desorientado mundo
Se eu me chamasse Caetana
Seria do mano Odara
E não uma avestruz
Perdida no Saara

Mundo mundo, imenso mundo
Conturbado espaço
Se eu fosse mineira
Balofa ou gordinha seria
De tanto pãozin de queijo comer
Requeijão e goiabada cascão absorver
Vossa aprovação não iria merecer

Mundo mundo, complicado mundo
Se eu fosse alcoviteira
Teria espaço certo
Em muito bolso de algibeira
Não seria virtual desempregada
No cordão da saideira

Mundo mundo, estilhaçado mundo
Se eu pudesse fugir no tempo
E fosse ao submundo conectar
Seria uma desmiolada
Não defensora do Verde
Do mar, do sertão e ativista da paz
Nem leitora de Maffesoli
E de Vinicius defensora contumaz

Mundo mundo, destrambelhado mundo
Se rimasse meu nome
Com 89 mil pago em cash
Dispensando até cheque
Eu seria uma desvairada
Fingindo honestidade
Pregando na porta da igreja
Aos outros fiel retidão
Não cidadã com profusão
De amigos no contracheque

Mundo mundo, incongruente mundo
Se eu me chamasse Gambiarra
E de braços dados andasse
A bradar algazarra
Com algum incongruente
Libertina e dodivanas seria
A pernoitar na horizontal
Não seria uma jornalista
Desinteressada de embuste

Ainda surreal fosse
Experimental amor na vertical

Mundo mundo, açoitado mundo
Se a madame melhor pensasse
Pra tanto gasto inútil
Consumo desarvorado, superficial
Talvez atinasse o despropósito
Largava mão de pretender
Querer ser, ter ou parecer
Feito marionete descartável
Vocacionada à submissão
No fim das contas de roldão
Escravizada pelo machão

Talvez pérola fosse
Afortunada, bem sucedida
Mala de viagem sempre pronta
Sorriso, simpatia e cidade preferida
Não seria esta algaravia
Procurando lugar recôndito
Onde escondeu-se a magia

Mundo mundo, acelerado mundo
Poluído e por demais devastado
Acaso me chamasse Quebramar
E a performar me convidassem
Partiria feliz rumo ao mar
Semelhando nadadora
Afoita, audaz, ecológica
Não atriz a invejar o luar

Mundo mundo, descompassado mundo
Se eu adivinhasse onde mora
O amante viril, perfeito
Proporia amor sem ponto final
Em ladeiras, becos, vielas
Nos escaninhos do prazer
Libidinar em qualquer direção

Mundo mundo, drummoniano mundo
Se eu me chamasse Libermundo

Provocaria um destempero
Nas convicções retrógradas
Na branquitude racista
Colonizada e escravocrata
No machismo nefasto secular
E nas convenções mofadas

Iria cantar, macumbar, celebrar
Ritos, festas, orgias partilhar
Vinho, Baco, comungar
Saudar Baco, Dionísio brindar
E farta de luz
O coletivo proclamar

Congraçar com indígenas
Aprender o seminal
Dar as mãos aos excluídos
Irmanar aos ancestrais
Bater tambor, reindigenar
Ser Trans, Homo, Bi, Negríndia
CaribenhAmazonia
Reflorestar o pensamento
Profanizar o sagrado
Divinizar o humano
E reafirmar a vilania sagaz
Que o preconceito torpe esconde

Nas noites de cheia lua
Correria a desaquilombar
Minh'alma preta
A negritude celebrar
Num jogo de capoeira
Canto Dançafoxé
Rimar nostalgia, amor, cafuné
Musicar o bem, o bom, o belo
Convocar toda tribo pro Axé

Eparrei, meu guia, Erehé
Ritos de pretos, indígenas, ciganos
Atuar, atuar, e junto com tanta gente
Proclamar o Teatro, consagrar o Ator
Irmanar e reflorestar o planeta
Abraçar, dançar, festejar
Apostar no Livre Pensar
E o terreiro libertar

Fazendo festa com Poesia
Toda cor de pele aclamar
Saudar Belo Monte e Uauá
Maré, Borel, Irajá, Vigário Geral
Rocinha, Lagamar e Vidigal
Canudenses de qualquer torrão
Favela onde quer que esteja
Por morros, becos e vielas

TODA RESISTÊNCIA
É
SERTÃO



Sertão pelas lentes do fotógrafo baiano Noilton Pereira.

APENAS UMA MOÇA LATINO-AMERICANA

Quem dera ainda fôssemos os mesmos
Dos romances astrais, das praias musicais
Das letras de Belchior nada banais
Quisera para o sertão voltar
Lá o sonho consegue prosperar

Nunca mais seremos aqueles
Agora nem mais estímulo há
Para encontrar aquela gente bacana
Irmanada, contente, latino-americana
Abraço farto na praia de Copacabana

De ternura e sentimento pouco se fala
Tampouco de compaixão e justiça
De amor nem mesmo analistas entendem
Embora, quem sabe, oxalá como nossos pais
Nesta sombra de agora, haja coração pulsando
Onde nasce o sol e ainda uma roupa velha
Colorida em qualquer tom
Ou alguma camisa suja de batom
E nos alpendres dos rincões
Braços fartos acolham
Como nos folhetins sem vilões

Uma rede branca possa talvez
Conservar cálido o gostinho
De mato verde pra plantar
E com flores depois enfeitar
A janela de uma casinha branca
De varanda feito ninho no colo da serra
Pés descalços na terra, regozijo de viver
Ecoando longe da guerra

Plantar liberdade, reviver auroras
Reflorestar a divina comédia humana
Deletar as ilhas cheias de distância
Celebrar galos, noites e quintais
Reverberar canções nos almoços da sala
Tristes ou vibrantes como potes de cristais
Jamais sem emoção, cativando romances
Embriagados com mania de paixão.



“Luar do Sertão” - óleo sobre tela de Adriano Santori

LABIRINTO

O vento que passa
E não me traz tua voz
É como a chuva que chega
E não perfuma meu quintal.
Quero a doçura do teu olhar
Lapidada pelo afago do sorriso teu.
Anseio a gramática do teu beijo
E do teu toque a sintaxe serena.

O lençol da cama
Procura teu cheiro
E o silêncio do quarto
Reclama tua ausência.

Persigo tua imagem
Porque sinto urgência
Da tua confissão.
Inquieta-me encontrar-te

Apenas nas imagens
Que desenha o pensamento
A cada instante.

Reflico sobre as sensações
Que me despertas
E o pensamento
Flutua livre
Na prisão de um sentimento
Que persegue apenas
A sombra dos traços teus.

Quero encontrar-te
Porque intuo a certeza
Da estesia que só a visão
De teu afeto me traz.

Os lençóis do quarto
O cafuné das redes
As silhuetas da noite
E as brumas da manhã
Continuam a esperar você
Para tatuar meu amor
Nos versos que meu desejo
Não cansa de te oferecer.
Quero rever-te
Para ter certeza
Que o feitiço vingou
E a chama do desejo
De mim não desacostumou.

PERDIDA

Meu carinho desaprendeu
As falhas com que teu desejo
Se despediu de mim
Sem dar adeus.

Minha libido agora
Tateia versos
Onde a delicadeza

Inspira o aconchego
E a saudade desabrocha esperanças.

Quero teu corpo
Para que o encontro possa
Renascer em mim
O desassossego
Da paixão absoluta.

ABSONÂNCIA

Uma hora descobriu
Porque sempre há
O tempo da descoberta
Do escutar, do desequilíbrio
Do aprumo para nova rota

Regras muitas definiu
Tantas e tão díspares
Que já não sabia
Quando era lá ou cá
Que importância tinha
O A, a frase ou o Z
Vez que o desaprumo
Já fazia zumbaia
Anunciando a chegada

Porque toda gaiola
Um dia quebra
Suas grades
Desvela suas brechas
Desarmoniza as certezas
Provê novos voos
Anseia outras paragens
E a Esperança
Porta afora, mar adentro
Sem hora avança
Desperta, caprichosa
Sorradeira, inconfundível

A dúvida me espreita
Tateia meus medos
Desejo atiça todavia
O galope do salto
Insinua noite e dia
O mergulho da euforia
E como quem desvê
Traçado incerto singular
A fantasia convida
E palmilha de bem-querer
O branco vívido da caatinga
O sol do agreste
Constante e sóbrio
A saudade passa
O tempo, sorrateiro
Subverte o espaço
Aconchega o recomeço
A memória olha da janela
Refresca o pensamento
Acende calor, cheira queijo
Alfinin, doce algodão
Rapadura, graviola, baião
Ouve samba, bossa nova, violão
Dança xote, canta MPB
Convoca sinergia
Em qualquer direção
Na garupa do vento anuncia
Estripulia boa tem gosto de sertão.



Sertão cearense (Foto: @auroradecinema).

AGORA AQUI ACOLÁ

Enquanto espero
Passa o tempo
E as horas brincam
Acotovelando distrações
Entrelaçando passos
Sintonizando ideias
Conquanto a memória
Tenta deslembrar
Tanto coisa por fazer
Desejo tanto sem guarida.

Andar a esmo
Companhia é solidão.
Casinhas coloridas
Inventam cenários
Recordam cenas
Ficção balança

Entre real e quimera
E o vento faz dança
Com os ruivos cabelos
Enfileirando sabores
Que a terra agridoce
Molhada fertiliza
De flores invade
Soprando poemas
Feito frutos nos galhos
Adocicando fonemas.

Sinos badalam,
Crianças brincam
Mulheres a bordar
Homens nos rios
Ou nas praças a jogar

Apitos de trem
A imaginar convidam
Fantasias intensificam
Vivências de cariri e caatinga
Escapadas de roteiros
Nunca filmados.

Pingos de chuva
Brotam flor
No mandacaru
Onde a rede descansa
A Paz
E acalenta o sonho
Verde do solo sagrado

Quero a chama
Violeta do Azul
Mais quente
Da Esperança
De um dia
Não ser mais triste não.

Conjugar verbo
Ofertar beleza
Espalhar plenitude

Ciente da importância
Do salto conquistado.

Prosseguir...
Porque a vida
Precisa renovar
Estoques
Pontilhar
Pedrinhas de algodão
Pelos chãos ásperos
Que a dor não esquece
De espalhar generosamente.

Daqui por diante
Fazer dos açoites
Mirantes
Avistar mais além
Que tudo segue
E as energias não cessam.
Retroceder jamais.
Amar por Amor, amor pra se dar.

Misturar
Cheiro de quintal
Arar a terra
Gaia molhada
Mato verde, Passarinho
Brisa, Flor, Rio Doce
Mel de açáí
Água e natureza.
Desculpar a indiferença
Deslembrar desafetos
Estancar mágoas
Persistir
Buscando o ideal
De Amor Bonito
E vida tracejada
De afeto, colo e parceria
Fértil, Terna
Nublada ou Ensolarada
Nunca porém desperdiçada
Mas com Amizade
E Bem-Querer cultivada.



NOITE E DIA, AURORA E LUAR

Que saudade é essa
Que machuca
Açoita
E o sono faz perder?

Que não dorme
Nem deixa dormir
Que é traquina
E traiçoeira aparece
Quando menos se espera
E se contorce em lágrimas
Como se no azul desvanecesse
A senha do sonho a reluzir

Que saudade-comichão é essa
De Bem Querer tão querido
Que clarão e sombra apetece
Noite, tarde e dia
Desassossega, entorpece
E ecoa qual vidro
Lacrimando as retinas?
Pois de ser assim
Dia desses qualquer
Um poeta acolá
Por acaso das horas
Me explicou devagarin
Que tristeza dessas
Intrusa e medonha
Sem cheiro de jasmim
De tocaia aparecida
Desmedida e matreira
A provocar sorrateira

Saudade dessa enfim
É que nem buraco
Na camada de ozônio:
"Ou param de jogar
Porcaria no Universo
Ou o Cosmos ultrajado
Em cinzas minguante
Combalido, desconsolado
Acabar-se vai feio
Soturno, desolado".

E disse mais:
"Sabe, dona Moça,
Arruma logo um remedin
Pra essa sangria desatada
No peito estancar
E outra freguesia perturbar
Pois se a tristeza
Desorientada, descabida
É de vera, profunda
E a saudade é infinda
Só quieta no carinho
E com beijo no cangote finda".

E perguntou ainda:
- Tu sabe por que foi que o
Diabo perdeu a posse do inferno?
- Sei não, alarmada respondi
E ainda tem mais essa?!
- Tem sim, e ele perdeu
Porque foi se engraçar
Duma dona matusquela
Que enfeitiçada ficou
Pelas diabruras dele.
E tudo que ele não podia
Era ter correspondido...

- E como foi isso?, de perguntar não tardei
- Bom, quando a cumade
Lua Cheia olhou
O jeitão dele de durão
Valentão, sem tempo
Sentimento nenhum
Astuciosa sentenciou
Transfigurando o pecador

A madrugada mais bela desenhou
Até o sol mais ardente
Se chegar e aclarar
Ele não se segurou e caiu
Enfeitiçado pela luz do luar.

A lua então emocionada
No mar caiu desfalecida
Quando acordou alumiosa
Lampejante, embevecida
Junto às conchas do mar
Estava e sereia tinha virado
De nome amanhecido
Antes do dia raiar
Ouro anil da maré

Das ondas de espumas brancas
O diabo então surpreso

E atrapalhado qual criança
Sem coisa nenhuma entender
Chegou-se pra junto dela
O olho luziu, coração entregou
E nunca mais dela desgrudou

Até hoje vivem
Os dois enamorados
A lua e o luar
A sereia e o pescador
Vagando pelas noites
Cálidas estreladas
Pouco silentes madrugadas
Desprezando intervalos
Sem dispensar o acorde
Do sol furta-cor
Para reinar e regar sonhos
Nas manhãs mais bonitas.

- E como é que a gente sabe
Se estão eles por perto?
- Basta você prestar atenção
No som que o vento traz:
Quando é bem suave
Os dois juntinhos estão
Entrelaçados nalgum lugar
Seduzidos de paixão.

Quando mais forte o som
Estão os dois a inventar
Jeito novo, brejeiro
De seduzir e fascinar
E logo mais vai nascer
Instante mais bonito do dia
Que no nome dela vive...

Hora na qual humanos
Em grande maioria
Ainda não acordaram
Nem a engenhar maldades começaram
Tristemente, o maior contingente
Tão insensível, pouco caliente é

Que prefere apreciar o pôr do sol
A maravilhar-se na poesia
Serena do rebentar do dia

Mas o Luar e a Aurora
Aí, lá e cá estão
Todos os dias
Em qualquer ponte
Favela, estrada ou sertão
A lembrar, concitar
Sombra e Luz
Emoção e Cor
Ternura e ardor
Bonança e Aventura:
Um não vive sem o outro
Outra não tem graça
Sem o brilho poderoso
Que alumia as estrelas
E adormece de mansinho
Por dentro das ondas do mar...

EFERVESCÊNCIA

Amou, chorou, desconsolou
De medos, promessas vãs, imposições
Uma hora despartou, expulsou dissabores
Deletou pudores, porvir novo intuiu
Pois desabrochar é qual vento balouceiro
Não pretere de chegar

O pedante comparsa regras tantas colocou
Que já nem mesmo sabia se loura, ruiva ou morena
Que fração dela mesmo queria, em qual estação amaria
Pra onde ia, se podia, que tipo de mulher desvelaria

Querendo ou não, a epifania vem, a indiferença irrompe
Um dia toma assento, assume o comando, muda o prumo
De voar, contrai aptidão e, resoluta, pergunta ao átimo que passa
Que gosto B ou T afiançar porque esquecer não há

Nova aurora amanhece é quando o sol ralenta seu acordar

E mar adentro, sertão afora
Desabrocham flores, jasmims perfumam
Frutos verdejam e celebram matreira
A Esperança, audaz e inconfundível
Que alumia a libido, como pássaro liberto
No entardecer avarandado, prene de desejo e paixão
Qual tentação indomada que ao bom amante apetece
E volta mesmo quando a saudade pensa que esquece.

BELCHIANAMENTE, EU SINTO EM PORTUGUÊS

Por que será que a poesia
Cutuca tanto a saudade
E mais ainda espezinha
Quando o azul venta frio
E o céu anuncia chuva?
Melhor deixar a profundidade
De lado, seguir a lição
Do rapaz novo encantado
Com 20 anos de amor
Que não voltou pro sertão

Como ele também não preciso
Que me digam onde nasce
O sol no nosso Ceará
Meu coração só voa porque bate lá
Quero é contar das coisas boas
Que também são novas
E aprendi nos discos com ele
Belchior, Poeta Criador, letrista inspirado
Menestrel prosador, cearense Musical
Dos loucos amores, sonhador Universal

Palavras, sons, imagens
Ritmos, letras, afetos

Versos tristes, rimas ricas
Conterrâneo Belchior, artista intemporal
Que vazio aqui deixou você

A falta tua agiganta-se
Nestes tempos selvagens
De conexão superficial
Medos soturnos, patologias íngremes
Laços frágeis, concretas solidões
Proliferam incertezas, espalham síndromes
Insanidades avultam, desvarios em amplitudes
Prolongam descompassos, caducam afetos
Arautos das falsas notícias
Acentuam exclusões

Novas dores a todo instante
Cravam dias nos quais a alucinação
Bêbada em redemoinho intemporal
Perdeu qualquer parâmetro
Desapreço há pelo partilhar
Violências descomunais flertam o insólito, violam o ancestral
Enganos, tropeços e desmantelos desumanizam
Insano culto à Inteligência Artificial
E o delírio afirma a inconsistência das coisas reais...
Não somos mais os mesmos
Dos romances astrais, das praias musicais
E onde andamos nem perguntar adianta mais
De que lado nasce o sol, quase todos esqueceram
E o velho blusão de couro já nem o passado lembra
Quisera voltar para o sertão
Onde o sonhar pode ainda ecoar
Pois agora nem mais o infinito há
No mar bacana daquela juventude de Copacabana
Muitos outros se perderam
Sem no rádio tocar canções
Nem conversar ou ouvir pessoas
Gritar pelos muros do país
Parques, praças, viadutos
Que só interessa a teoria
De amar e mudar as coisas

O tempo mexeu com a gente
Sim, lembrando aquela frase

Do temor de encontrar a solidão
Punhal que corta e amiúde nos espreita
Como fantasma escondido no porão

Não, nunca mais seremos os mesmos
E de amor nem mais os analistas entendem
Talvez conforto almejar, quem sabe alcançar
A emoção que guardei buscando encontrar
Num beijo de novela, num frame de cinema
Ou abraço ocasional, inesperado lampejo
Qual flor no manguezal
O coração selvagem que tanto escondi

Embora, quem sabe, oxalá como nossos pais
Nesta sombra de agora, o batom na camisa
E a colorida roupa de outrora que tanto precisamos
Não mais velha esteja
E embalde o sonho desadormença tão fácil
Aquela rede branca ainda conserve no sertão
O brasileiro charme de alguém sorrindo a cismar
Longe da pressa de viver

Energias de aurora, imaginar, reconectar
Galos, noites e quintais como Aldemir pintou
E a poesia tua eternizou
Nos almoços da sala, nas tintas de batons
Jamais sem emoção, letrando canções
Sempre com mania de paixão
E de incontido amor derramado

Porque não foste tu
Mesmo ano passado morto
O desvairado louco, de peito deserto
E boca lacrada
Que sem motivo a vida pensou
Desvanecida, sem romance, flor ou guarida

Esqueceu aquele brutamontes
Quanto a imaginação é intensa e desmedida
E a glória feminina existe, não é só ilusão

O lacrimoso olhar que já não escondemos
Traz imensa saudade
Da poesia tua e dos versos teus
Que tanto encheram
De coragem e delírio o copo vazio
Molhado pelo beijo roubado
Naquela estação
Com a fumaça azul do cinema

Hoje, das artificiais inteligências
Cheias de distância
Nem sequer se esperam
Novas coisas boas
E da vida ninguém mais
Quer ser estudante
A gente nas ruas parece perdida
Sem saber qual futuro
Se encontrará abrigo
Se há porvir, sentido ou chance de vida

À noite namorar ficou tão sombrio
Fugaz e descartável, embora ainda há
Gente que insista em desacreditar
E o que mais se vê são namoradas a correr
Fugindo de quem um dia amaram
Mas em monstros cruéis se tornaram

Quem sabe por ora só mesmo nos reste
Mágoas e lamentos afogar
Nas águas fundas verdes do mar
Porque não mais há cavalheiros dispostos
De sorriso ingênuo e franco
A buscar estrelas para nos cativar
E à beira-mar nos entregar.

RELUZÊNCIA

Acaso eu de amor perecer
Todo mundo vai saber
Mesmo a tal fulaninha arrogante
Ou o desorientado canastrão

Por onde eu for
Há de ser com paixão
A trilha pelos pisados desenhada
Na areia matizada do chão

Andando pelas ruas
Vadiando pelos becos
Zanzando verde adentro
Cactus esparsos, rios às margens
Mandacaru florescendo
Imensas florestas e pássaros mil

Arruar pra lá e pra cá
Sem medo do que possa encontrar
Livre de *bigtech*, sem biometria ou apatia
Versejar o espaço driblando a tristeza
Para o Infinito alcançar em fina simetria

Sertão é caatinga
É serra, cerrado, zona da mata
Verso prosa, canção, cordel ou poesia
E não duvide não: lá tanto espaço tem
Que convivem planta, fogo, água
Celular, paixão, automóvel e avião
Sabor de caju, cana verde e cheiro de agrião
Argila, cascalho, manga e criança
Por todo lado, folguedo na calçada
Fogo na brasa, feijão verde, melancia
Sinal de chuva, cantoria e noite estrelada
Que só cai vez em quando
E o povo celebra como alquimia

Aperriar só mesmo o calor
Desconfortante, medonho
Que quase embrutece
Porém o azul piscina
Emoldura o firmamento
Adorna e reflete nas cachoeiras
Feito casuarina verdinha
Fazendo o matutino celebrar
Fervilhar entre pintassilgos nos ninhos

Árvores em profusão a anunciar
Flores do agreste solar

Vento balançando os cabelos
Bruma macia enlaçando a cintura
Convite solene para mergulhar
Na amplidão do deserto
Que apascenta e ferveilha

A carnaúba, sentinela do sertão
Acalma, cativa e abraça
Não é sinônimo de ilusão
Ao invés, aconchega e enlaça
Como fossem os braços
De um qualquer duende serelepe
Vontade é bom quando não sacia
Aquece, vigora e acaricia até a alma
Imaginar isso tudo e ainda mais
Versejar nos ermos do torrão
Convoca atração, convida à magia

Matizes tantos a encantar
Na terra, no ar ou no mar
Do celeste aos verdes cativos
De todas as folhagens
Barro álaque, telha, ferrugem,
Terracota agridoce vez ou outra
Todos os tons convidam à estesia
Nessa sinergia chamada Sertão.



Em Salgueiro, sertão de Pernambuco. Foto: Leandro de Santana³.

CANÇÃO PRA XAKRIABÁ

Quero ser Xakriabá
Nas águas doces do rio
Mergulhar
Saí por aí a passear
Entre verdes, cerrados e caatingas
Cantarolar com Puris, Canoeiros, Kamakã
Sair sem rumo, aventurar
Feito um Pataxó ou Maxakali
Disposta a transfundir, meditar

Quero ser Xakriabá
Com etnias mineiras irmanar
E pelos direitos do coletivo lutar
Levantar bandeiras
Inspirar Poesia
Instigar sintonias

³ Para conferir matéria sobre alegria no sertão, acesse <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2019/12/amigos-no-sertao-levam-alegria-e-esperanca-a-vila-quilombola.html>

Nunca desistir de lutar
Falar de água, terra e planta
Respirar ar puro
Verdes sonhos acalentar

Quero ser Xakriabá
Seja na mata, serra, caatinga
Ver muito pasto verdejar
Montanha ou cerrado repisar
Mukuriñ, Kaxixó, Tuxá
Aranã, Xukuru-Kariri
Sertão e mar quero celebrar
Reunir as gentes de Minas
Pintar o rosto, dançar, convocar
Uma festa bonita, altiva, resistente
Havemos de batizar

Quero ser Xakriabá
Com todos os povos comungar
Sincorá, Amazonas, Xambioá
Feito travessar o Cambaio
Em paragem impressionadora
Do Piauí a Sabará
Pelo São Francisco navegar
Queimadas, Uauá, Jacurici e Maçacará
Espiar Jeremoabo, Calumbi, Quirinquinquá
Pra Euclides da Cunha não deslembrar
Pois o escritor coisa vergonhosa mostrou
Invisibilidade cruel que a República maculou

Canudos era sertão, Favela virou aluvião
Agregar irmãos do Norte e Nordeste
Sudeste, Centro-Oeste, Sul e Pantanal
Dos pampas gaúchos ao Jalapão
Idosos e crianças quero abraçar
Em qualquer direção vou juntar
Monte Santo, Acre, Macapá
De Mossoró, Dourados, Maceió
Tapuias, cariris e tremembés
Do Ceará também vou chamar
Sem esquecer São Paulo, Rio e Roraima
Pernambuco, Rondônia, Brasília
Sergipe, Vitória e Marabá

Pisada sacudida e batuque bonito
Não há de faltar

Juntando as gentes dali, daqui, d'acolé
Uma muvuca arretada
Sem ter hora pra acabar
De todo grotão até o Amapá
Gente brasileira pode chamar
E até os gens do Ajuricaba
Ancestral da árvore que vó herdou
Junto à bancada do cocar avivar
Convocar meninos e meninas
Mulheres e homens
Todas, Todos e Todes
Numa dança astral vibrar

Se acaso não quiser vir
Não é você que me vai parar
Sou forte, aguerrida
Minha nação é Xakriabá
Meu solo é tribal
Não concebo vida sem lutar

Sou guerreira
Assumo minha pisada
Não há abril, dezembro ou temporal
Nosso marco é ancestral
Maldade não há que possa vingar
Pois nosso povo é gente guerreira
Que do Brasil cuidou
Muito antes de seu Alguém
Nosso país imaginar

Portanto, ouça bem, preste atenção
Sou filha da Terra
E nessa trilha vou continuar
Porque pra nós chuva ruim não há
Nem outono, inverno ou calor
Que nos consiga acomodar
Me deixa em Paz
Vai procurar o que fazer
Delete esse mimimi de num sei quê
Que vou passar com nosso grí erehé

Nada há que fraqueje nossa coragem
Nosso marco é Luz
Karajá, Kiriri, Catu-Awá-Arachás
Pankararu, Guajajara, Wapichana
Água, Verde, Azul Anil
Amarelo ouro Krenak Guarani
Catu-Awá-Arachás
Taru Andek Sabedoria
Que a terra é nossa
Nosso ficar é maduro
A seiva jamais será pretérita
Porque nosso hoje já é futuro

Vou-me embora pra Quirinquinquá

Vou-me embora pra Quirinquinquá
Lá sou amiga do Rei
Leão que é dos Miranda lei
Liberdade é senha comum
Direitos humanos são respeitados
Inexiste a inveja e esse tal de cancelar

Vou-me embora pra Quirinquinquá
Lá sou seguidora de ninguém
Rede boa é de descansar
Vida serena é todo alguém
Pés descalços no chão
Vou remoçar no sertão

Vou-me embora pra Quirinquinquá
Trabalho escravo lá não há
Mesa farta não carece vintém
Faço se e quando puder
Nenhum chato ou atrevido
A dar ordens e maldizer
Descanso todo dia tem
Cobrança é descabido
Café e água de coco tem também

Vou-me embora pra Quirinquinquá
Lá posso ser bastarda, solteira, vanguarda
 Altiva, apaixonada, dissonante
 Sem medo da truculência
 Do patriarcado imanente
 Mulher é pérola fina
 Do açoite distante
 Destemida de assédio
Nenhum teto ao machismo inclemente
 Acolhida com amor e zelo
Que isso é coisa que perto ou ausente
 Não se troca, vira semente

Vou-me embora pra Quirinquinquá
Pode ser logo mais, agora ou depois
 Lá fica o Brasil Profundo
 Que Euclides não fartou de elogiar
 Lá bem se vive e fala como quiser
 Pode ser breve, doce, devagar
 Tem preguiça e tapioca pra aguçar
 Sem pressa de agradar
Ninguém pra dizer que não posso emocionar

Vou-me embora pra Quirinquinquá
Lá tem sol, cantoria boa, rede de balançar
Mel de cana, cabidela e cuscuz ao acordar
 Lá toda gente é boa
 Não tem patrulha de amordaçar

Vou-me embora pra Quirinquinquá
 Lá toda reza é bem-vinda
 Toda pessoa bem tratada
 Escutada, nutrida, paparicada
Que de gente torpe, mesquinha, invejosa
 Não há lembrar pra não estragar
Muita árvore frondosa, verde pra todo lado
Não há rio seco, agrotóxico e floresta a contaminar
Vida esbanja água, anil, e refresca o caminhar
A Terra se oferta Mãe, colo de aconchegar

No final das contas
Toda gente há de pretender
Não vai custar querer saber
Pra onde vou, como estou, quando vou
Onde fica o paraíso singular
Da alumbrosa Quirinquinquá

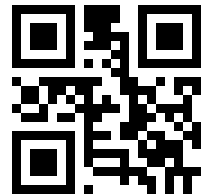


Foto: Noilton Pereira (Fonte: <http://agendaculturaldorecife.blogspot.com/2022/06/exposicao-gratuita-reune-recortes.html>)

*Sertão é tudo isso
Pode ser desse
Ou outro jeito
Agora, ontem, aqui
Amanhã, ali, acolá
Vive em todo lugar...*

*Agradecimentos ao fotógrafo baiano Noilton Pereira, que gentilmente cedeu suas imagens para esta publicação.⁴ Acesse: @noiltonpereiraoficial

Home Editora
CNPJ: 39.242.488/0002-80
www.homeeditora.com
contato@homeeditora.com
91984735110
R. João de Deus, 63, 66075000,
Belém-PA



⁴ Esta obra registra a estreia da jornalista, atriz, locutora e documentarista Aurora Miranda Leão na Poesia. Contato: auroraleao@hotmail.com e @auroradecinema